

A homenagem do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* a Machado de Assis por ocasião do seu falecimento

VANIA PINHEIRO CHAVES
Universidade de Lisboa



O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*¹ – título pelo qual é mais conhecida uma publicação que granjeou enorme prestígio e ampla popularidade no seu tempo – houve por bem associar-se às homenagens prestadas ao escritor brasileiro Machado de Assis, por ocasião do seu falecimento, através da apresentação do seu perfil humano e literário nas páginas iniciais do volume para o ano de 1910, preparado e editado, como era de regra, no ano anterior. Da responsabilidade do então editor, Adriano Xavier Cordeiro – que, à semelhança do que fizeram os demais, não assinava os seus escritos –, esse texto encomiástico alcançou, certamente um vasto público, quer no Brasil, quer em Portugal e nas suas Colônias, quer ainda noutros espaços onde circulava o *Almanaque de Lembranças*.

Para que hoje os estudiosos da obra machadiana e das relações literárias luso-brasileiras mais facilmente conheçam o artigo em causa, faz-se-lhe a transcrição após estas breves palavras de enquadramento histórico e cultural da publicação onde ele está inserido, a par com um sucinto comentário da sua estrutura e conteúdos.

Dentre os almanaques que, na segunda metade do século XIX e início do século XX, gozaram de incontestável importância no espaço cultural luso-brasileiro,² a supremacia cabe ao *Almanaque de Lembranças*, cuja existência foi invulgarmente longa, visto que circulou de 1851 a 1932, e cujas tiragens excederam os vinte mil exemplares – acrescidos, às vezes, de reedições. De carácter urbano e concebido por intelectuais, a obra enquadra-se no subgrupo dos *almanaques literários*, pois, além de difundir uma multiplicidade de informações sobre o ano vindouro, apresenta textos em prosa de matérias muito diversificadas e vários tipos de poemas e passatempos.³

Homens de cultura elevada e sólida reputação, os editores, além de definirem a natureza e a ideologia do *Almanaque de Lembranças*, realizavam inúmeras tarefas, tais como: a seleção das informações, dos textos e autores que nele figuravam; a redação de textos introdutórios onde

teciam comentários sobre a obra, faziam agradecimentos e registos fúnebres; a resposta aos leitores, dando-lhes conselhos, elogiando ou criticando os seus escritos. As composições literárias que publicaram englobam textos de renomados autores do passado e do presente, de língua portuguesa ou estrangeira, a par com os de escritores menores ou totalmente ignorados nos dias de hoje.

Considerando o *Almanaque de Lembranças* “uma livraria em miniatura” (*AL*, 1852, p. 22) o seu fundador – Alexandre Magno de Castilho – declara o firme propósito de dar

às classes, profissões, e idades pouco instruídas, e que nada lêem, e que pouco sabem, algumas noções gerais do muito que lhes conviria saber, fugindo sempre nas minhas exposições dos termos técnicos, uteis para os homens da ciência, assustadores porém e áridos para o vulgo (*AL*, 1852, p. 19),

¹ Esta designação substituiu a primeira (*Almanaque de Lembranças*) e foi posteriormente trocada pelo título *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, que levou até o último volume.

² Como observaram Manuel Viegas Guerreiro e João David Pinto Correia, no século XIX, os intelectuais portugueses e brasileiros já haviam reconhecido os múltiplos benefícios desse produto editorial e, em particular, a possibilidade de atingir um público mais vasto, podendo com isso contribuir para o desenvolvimento cultural da nação e para o interesse pela literatura. (Vd. “Almanaque ou a Sabedoria e as Tarefas do Tempo”, *ICALP – Revista*, n. 6, Lisboa, p. 43-52, Ago.-Dez. 1986).

³ No *Índice Geral do Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro desde 1872 a 1898 (inclusive)*, as matérias que dele constam estão classificadas em 23 itens (indicados a seguir com a ortografia atualizada): Anedotas e chistes; Anedotas históricas e autênticas; Antologia portuguesa (trechos escolhidos de poetas e prosadores); Arqueologia e arquitetura (monumentos e edifícios notáveis, numismática, etc); Antiguidades (coisas do passado – comemorações e apontamentos retrospectivos); Arte e artistas (apontamentos e esboços); Contos, apólogos e lendas; Educação e ensino; Epigramas e sátiras; Geografia (viagens e descrições); Etnografia (costumes, tradições, superstições e trovas); Gravuras; História (trechos e episódios); Homens e damas ilustres (biografias, estudos críticos, fatos e notas) subdividida em: Portugal e Brasil; Diversos países; Lembranças (fatos e notícias dos tempos modernos); Linguagem portuguesa (etimologias, locuções, anexins, etc); Miscelânea; Moral e religião (Santos e varões ilustres da Igreja); Mitologia e lendas fabulosas; Pensamentos, máximas e conceitos; Prosas literárias (portuguesas e brasileiras); Ciências naturais (Receitas e indicações úteis); Poesia.

e anuncia que “acceita com o maior reconhecimento quaesquer artigos que, por sua natureza e limitadas dimensões, possam entrar no seu Almanach [...], quer se lhe remettão assignados, quer anonymos” (AL, 1854, [p. 15]), agradecendo ainda a colaboração que “não poucos litteratos portuguezes dos mais distinctos lhe prestaram” (idem, *ibidem*). Veio, contudo, posteriormente, a protestar com veemência contra os maus poemas que lhe enviavam:

Por Christo e por quantos santos ha na côrte do céu,
não me matem com versos! N'isso já pouco se admitte
hoje a mediocridade, e a maior parte das poesias que
se me remettem está cem grãos abaixo do máu. [...] Antes
uma pagina de boa prosa do que outra deversos detestaveis.
(ALLB, 1860, p. 5).

Os editores que se seguiram reiteraram os pedidos e as advertências a respeito da remessa de artigos muito extensos, de muito numerosos e medíocres poemas ou mesmo de matérias de carácter político, o que, parece, nunca foi acatado.

Por outro lado, eles mencionam, com frequência, o excelente acolhimento da obra não só em Portugal e nas suas Províncias Ultramarinas, mas também no Brasil. Já no *Almanaque* para 1856, Alexandre Magno de Castilho faz votos para que ele seja – como de fato foi –

um nexu mais entre nós [portugueses] e os nossos irmãos brasileiros; estreite e fortifique os vinculos de sangue que mutuamente nos prendem; e já que é livro de lembranças, leve tambem lembranças da patria aos que longe d'ella gemem saudades!...” (ALLB, 1856, p. 27).

Assim sendo, o estreitamento das relações Portugal-Brasil constitui, desde os primeiros anos, objetivo fulcral da coletânea que, pouco interessada pelas questões da política do seu tempo, se posiciona claramente na defesa das ligações, da história e da cultura comum de Portugal e do Brasil.

A partir do momento em que tem início, a colaboração brasileira no *Almanaque de Lembranças* se tornou regular e intensa e o interesse dos editores nessa participação evidencia-se, claramente, no fato de diversos volumes dessa coletânea oferecerem facilidades para a sua remessa até Lisboa.⁴

Não é exatamente isto que se passa com Machado de Assis, cuja presença no *Almanaque de Lembranças* não se sabe se resulta da colaboração direta do próprio escritor, através do envio dos seus textos, ou se a publicação dos

mesmos decorre da vontade e escolha dos editores. De qualquer modo, a participação do autor de *Dom Casmurro* reduz-se a oito pequenos textos, dois deles publicados por duas vezes. Este número inclui os escritos que estão no artigo que aqui se republica, como se pode ver a seguir na sua listagem, por ordem cronológica de publicação:

1. “O verme”, *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1873* [...] por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Lisboa, Lallemand Frères Typ., 1872, p. 382 [poema sem indicação da proveniência]
2. “Coração triste fallando ao sol (imitado de Su Tchon)”, *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1878* [...] por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Lisboa, Lallemand Frères Typ., 1877, p. 366 [poema sem indicação da proveniência]
3. “A amante de Camões”, *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1882* [...] por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Lisboa, Lallemand Frères Typ., 1881, p. 278 [poema sem indicação da proveniência]
4. “Circulo vicioso”, *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1886* [...] por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, 1885, p. 360 [poema sem indicação da proveniência]
5. “O verme”, *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1890 Supplemento* [...] por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, 1889, p. 28 [poema com indicação da proveniência: *Phalenas*]
6. “Quando ella falla”, *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1891 Supplemento* [...] por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Livraria de Antonio Maria Pereira, 1890, p. 343 [poema com indicação da proveniência: *Phalenas*]
7. “Circulo vicioso”, *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1910* [...] por Adriano Xavier Cordeiro, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1909, p. 18 [poema sem indicação da proveniência]
8. “A mosca azul”, *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1910* [...] por Adriano Xavier Cordeiro, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1909, p. 18-21 [poema sem indicação da proveniência]
9. “O delirio”, *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1910* [...] por Adriano

⁴ Em alguns deles se pode ler que “Os artigos que de qualquer ponto do Brasil nos hajão de ser mandados, poderão sobrescriptar-se ao *Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha*, no Rio de Janeiro, por quem, prompta e obsequiosamente, nos serão remettidos” (ALLB, 1860, p. 4).

Xavier Cordeiro, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1909, p. 23- 32 [prosa sem indicação da proveniência]

10. “A borboleta preta“, *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1914*, director Adriano Xavier Cordeiro, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1913, p. 365-366 [prosa sem indicação da proveniência]

Em contrapartida, a Machado de Assis é dado lugar de destaque no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1910*, através do panegirico aqui se apresenta. Tal honraria poucos escritores e intelectuais receberam, pois, em seu conjunto, os perfis biográfico-críticos do nosso *Almanaque* não ultrapassam as seis dezenas, sendo ainda bem menor número de brasileiros com ela agraciados. Apenas dezessete brasileiros foram objeto dessa apresentação na coletânea em análise, sendo eles por ordem cronológica de publicação: Álvares de Azevedo (1878), Castro Alves (1882), Manuel de Araújo Porto Alegre (1884), Gonçalves Crespo (1885), Fagundes Varela (1887), José Bonifácio d’Andrade e Silva (1890), José de Alencar (1899), Visconde de Taunay (1901), Raimundo Correia (1913), Sílvio Romero (1916), Olavo Bilac (1920), João do Rio (1922), Rui Barbosa (1924), Lauro Muller (1927), Jackson de Figueiredo (1930) e Hermes Fontes (1932).

De acordo com o modelo característico do *Almanaque de Lembranças*, o “elogio crítico biográfico”⁵ de Machado de Assis – cuja autoria, como já foi referido, deve ser atribuída a Adriano Xavier Cordeiro – é precedido por um seu retrato, com a assinatura manuscrita de Henrique Bernardelli e data de 1904.⁶ Como era também habitual nesse subconjunto de textos, o ensaio tem uma extensão que excede de muito a de outras matérias de natureza semelhante, mas não colocadas nas páginas iniciais da coletânea, uma vez que totaliza vinte e oito laudas. Estas estão divididas em quatro partes, separadas por asteriscos, mas não são perfeitamente diferenciáveis. A primeira constitui uma espécie de preâmbulo alongado, pois não se debruça sobre o homenageado, mas sobre às relações luso-brasileiras, cuja precariedade é fortemente condenada. Nesse sentido, o autor do artigo afirma que

Portugal, por um desleixo inexplicavel, com um desinteresse censuravel, desconhece, ignora, quasi por completo, a vida litteraria do Brasil moderno, descuida a leitura dos seus valiosissimos escriptores, não trata de se informar, de assimilar, de seguir os progressos

assignalaveis da mentalidade d’além-mar, cujos maiores thesouros, não [...] são para a “occidental praia” letra morta, porque são letras totalmente indecifradas (op. cit., p. 5-6).

E, sustentando a “exactidão dos termos” que emprega, explica que os utilizou para que

o leitor portuguez deligencie, mais cuidadosa e attentamente, folhear as paginas brasileiras, que, no distante, fecundo continente, vão assegurando uma eternidade jubilosa, imprimindo uma mocidade atrevida e impetuosa á linda, preclara, dulcissima lingua do sul (idem, ibidem, p. 6)

A responsabilidade de tal desconhecimento dever-se-ia à inexistência de normas que “regulariz[em] convenientemente as relações litterarias” luso-brasileiras, impossibilitando Portugal de corresponder “ao carinhoso cuidado, á sedenta curiosidade, ao pontual entusiasmo com que o Brasil acolhe, frequenta e applaude as obras portuguezas” (idem, ibidem, p. 6-7).

Desta moldura vale-se o ensaísta para enquadrar Machado de Assis, a quem atribui o lugar de “primaz das letras brasileiras no seculo XIX” e que apresenta, de forma sucinta, mas hiperbólica, como “primoroso e gentilissimo escriptor”, “mestre conscenciosissimo da prosa, “estylista meticoloso e perfeito”, cuja obra “vasta” e “varia” seria

muito pouco conhecida em Portugal, que, pôde dizer-se, a leu, e talvez a admirou, em fragmentos [...] que, de maneira nenhuma, davam a medida, exacta da imaginação do poeta, da phantasia do contista, dos prodigiosos recursos do vernaculo prosador, nem a justa visão da excellencia do amargo philosopho, que elle foi em toda a vida (idem, ibidem, p. 7).

No mesmo parágrafo, vem sintetizada a trajetória literária do homenageado, que não difere muito do que é dito por uma boa parte dos seus críticos, pois entende-se que a obra machadiana,

partindo do arremesso romantico para a exactidão realista, encetada pelo sentimentalismo mais arrebatado e culminada pela mais serena das ironias [é] rica em tomos e modos (idem, ibidem).

Esta interpretação apenas discrepa de leituras mais recentes que observam a inexistência da exacerbação dos sentimentos típica do Romantismo.

Na segunda parte do artigo, Xavier Cordeiro se estende na apreciação de certos aspectos da biografia do autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, privilegiando as dificuldades da sua infância, a sua penosa ascensão social, a sua esforçada formação intelectual, o seu árduo caminho para a fama, sustentado por uma imensa ânsia de saber e por enorme força de vontade. Neste percurso, em que não teria tido outro guia além dele mesmo, é encontrada

⁵ Designação algumas vezes utilizada no *Almanaque de Lembranças* para esse tipo de artigo e a que melhor corresponde à natureza da sua matéria.

⁶ Em nota colocada no final do ensaio, o editor explica que esse retrato foi extraído da revista *A Renascença*, publicada no Rio de Janeiro.

a explicação para o “travo amargo e quasi doloroso que vinca toda a sua obra” (idem, ibidem, p. 8).

Das suas diversas e sucessivas ocupações, destaca-se, como a mais honrosa e meritória a presidência vitalícia da Academia Brasileira de Letras. Particular importância é, por outro lado, atribuída ao feliz casamento de Machado de Assis com Carolina Xavier de Novaes, cuja morte teria causado o agravamento da sua doença. Também o seu falecimento e as honras fúnebres que recebeu mereceram atenção especial, pois o texto inclui um longo fragmento do discurso altissonante que, em nome da Academia Brasileira de Letras, Rui Barbosa proferiu no seu enterro.

A terceira parte do artigo sumaria a vida literária do nosso escritor e elenca alguns dos títulos da sua obra. Considerando românticas as criações machadianas dos primeiros anos, Xavier Cordeiro atribui o predomínio às de poesia, mas cita apenas duas coletâneas de poemas (*Crisálidas e Falenas*), a par com duas de contos (*Histórias da meia noite e Contos fluminenses*) e quatro romances (*Ressurreição, Helena, Iaiá Garcia, A mão e a luva*), o que coloca dúvidas sobre o seu pleno conhecimento do conjunto da obra machadiana. Refere que nesses volumes, “ainda que desigualmente, ha recommendaveis paginas de descriptivo, de evocação e de pittoresco” (idem ibidem, p. 15) e que, aqui e ali, aflora uma fina ironia,

mixto do *humour* inglês e do *picaresco* espanhol, que mais tarde havia de ser o metal purissimo e raro que de preferencia oartista celebrenente burilava (idem, ibidem).

Retomando a idéia do continuado aperfeiçoamento do nosso escritor e da sua mudança de rumo, cita a produção dum conjunto “notabilissim[o] de livros modernos, reaes, extraordinarios”: *Papéis avulsos, Histórias sem data, Quincas Borba, Esaú e Jacó, Dom Casmurro, Memórias póstumas de Brás Cubas e Memorial de Aires*. O último lhe parece “evad[o] do desgosto que o pungia e talvez da visionação do fim” e o penúltimo “livro admiravel e perfeito”, “legitima obra-prima” (idem, ibidem, p. 15 e 16). Comenta ainda que

Machado de Assis ahi nos apparece hobreando familiarmente com os maiores mestres da novella humoristica, desde Sterne a Swift, de Lesage a Eça de Queiroz, egualando com facilidade a laconica mestria de Anatole France, e sobrepujando um escriptor italiano com quem muitas affinidades tem, Salvatore Farina (idem, ibidem, p. 16).

Complementa o seu juízo crítico com a transcrição dum extenso comentário sobre algumas obras machadianas da autoria do brasileiro Arthur Barreiros, comentário esse que reputa primoroso e pouco divulgado. Noutra passagem julga o romance machadiano (e não a um em

particular) ameno e especial, entendendo que “melhor lhe cabe a classificação de novella humoristica” (idem, ibidem, p. 21).

Evoluções semelhantes encontra o crítico na poesia e prosa machadianas, ao observar que esta passa do romantismo ao ironismo, enquanto aquela se teria tornado, numa segunda fase, parnasiana, como atestariam muitas composições de *Americanas*, e transcreve duas das mais valiosas e conhecidas: “Círculo vicioso” e “A mosca azul”.

Anota, em seguida, o fascínio de Machado de Assis pelo teatro, para o qual escreveu numerosas peças, a par com as muitas páginas valiosas que entregou ao jornal. Cita algumas obras de cada conjunto, fazendo votos para que outras recolhidas de textos saídos na imprensa, por vezes, com pseudônimo venham a ser editadas. E conclui esta parte com a menção de algumas das traduções realizadas pelo nosso escritor.

Na última parte do artigo, Xavier Cordeiro recorda a homenagem que, em 1905, lhe teria sido prestada por alguns academicos, a começar por Joaquim Norberto. Este teria conseguido, em Roma, um ramo do célebre carvalho de Tasso, expedindo-o para o secretário da Academia Brasileira de Letras, a fim de que, em festa solene, fosse entregue ao seu Presidente. Machado teria, modestamente, querido esquivar-se, mas acabou por aceitar receber aquela relíquia das mãos de Graça Aranha e de Alberto de Oliveira.

O artigo encerra com a cópia do capítulo sétimo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que, para o crítico português, é talvez a mais bela página da obra machadiana. Em apoio da sua opinião cita a apreciação elogiosa de Sílvio Romero a esse texto, fazendo notar que ela foi produzida num livro de acerba crítica ao nosso escritor.

O artigo de Xavier Cordeiro que acabo de analisar apresenta traços característicos da crítica jornalística produzida na imprensa portuguesa e brasileira do século XIX e início do século XX, podendo-se dizer também que se enquadra tanto no subconjunto da crítica de belezas como no da crítica biografista. Essas novas formas da recepção valorativa introduzidas no Oitocentos não suplantaram de todo a dogmática crítica neoclássica, talvez porque a atitude judicativa seja tão constante e poderosa na crítica que se confunda com a sua própria natureza.

Assim sendo, é de notar que Xavier Cordeiro não aponta defeitos porventura existentes na obra machadiana, devido ao seu afastamento de um modelo ideal ou à sua desobediência a quaisquer regras preestabelecidas, mas, ao contrário, mostra-se muito atento às invenções e belezas que nela encontra, bem como à impressão e à emoção que desperta no leitor. Por outro lado, tem em

conta a sinceridade, a espontaneidade e a capacidade comunicativa do autor, e procura descobrir e revelar o seu gênio singular, através de comentários biográficos e psicológicos. Consequentemente, produz uma crítica subjetivista, impressionista e, neste caso concreto, altamente laudatória.

MACHADO DE ASSIS

Apezar da gloriosa parte que lhe toca na criação d'esse immenso, formoso e progressivo paiz, que é o Brasil; apezar das estreitas e permanentes ligações que a velha nação occidental, hoje decadente, mantém com a nova, triumphante nacionalidade americana; apezar da identidade da lingua e da incalculavel riqueza que de tão grande mercado lhe advem; apezar de todos os annos confiar á prospera, tentadora actividade da joven republica centenas e centenas dos filhos da antiga, estagnada, monarchia; Portugal, por um desleixo inexplicavel, com um desinteresse censuravel, desconhece, ignora, quasi por completo, a vida litteraria do Brasil moderno, descuida a leitura dos seus valiosissimos escriptores, não trata de se informar, de assimilar, de seguir os progressos assignalaveis da mentalidade d'além-mar; cujos maiores thesouros, não diremos são para a "occidental praia" letra morta, porque são letras totalmente indecifradas.

Não carregamos propositalmente as tintas do quadro, não arrogamos nenhuma theoria pessimista; constatamos, simples, singelamente, um factio condemnavel, de facilima observação, e fazemo-lo com a inflexivel. exactidão dos termos apropriados, para que, longe de se descoroçoar ou irritar; o leitor portuguez deligencia, mais cuidadosa e attentamente, folhear as paginas brasileiras, que, no distante, fecundo continente, vão assegurando uma eternidade jubilosa, imprimindo uma nova mocidade atrevida e impetuosa á linda, preclara, dulcissima lingua do sul, fallada assim por uma população enorme, expansiva, immorredoura, que muitas vezes multiplicaria, para nella se conter, a superficie da pequenina patria, em que tal idioma nasceu e se aformoseou, com uma diminuta semente de luz de vastissimo clarão.

Não cabem sómente ao leitor de Portugal as responsabilidades d'esse desconhecimento em que vive, pelo que á litteratura brasileira respeita. Por indolencia preguiçosa ou indesculpavel negligencia, acham-se ainda por regularisar convenientemente as relações litterarias entre os dois povos, mal guiadas as correntes editoriaes, de modo que raro é o livro que dos prelos brasileiros chega até cá, o que faz com que Portugal não corresponda, sequer attenuadamente, ao carinhoso cuidado, á sedenta curiosidade, ao pontual enthusiasmo, com que o Brasil acolhe, frequenta e applaude as obras portuguezas.

Felizmente, alguns editores da boa vontade vão publicando aqui as obras dos principaes escriptores de lá, o que, successivamente irá creando um melhor estado de mutuo apreço e penetração. Coelho Netto, por exemplo, esse artista consummado, conta hoje, entre os seus muitos devotos, muitos leitores em Portugal.

Outro tanto não aconteceu a esse primoroso e gentilissimo escriptor que o Brasil recentemente perdeu, a esse mestre conscienciosissimo da prosa, a esse estylista meticoloso e perfeito, que aqui vamos apreciar muito incompetente e muito ligeiramente, a Machado de Assis, primaz das letras brasileiras, no século XIX. A sua obra, que é vasta e é varia, partindo do arremesso romantico para a exactidão realista, encetada pelo sentimentalismo mais arrebatado e culminada pela mais serena e lapidar das ironias, essa sua obra, rica em tomos e modos, é muito pouco conhecida em Portugal, que, póde dizer-se, a leu, e talvez a admirou, em fragmentos, mais ou menos compridos, melhor ou peor escolhidos, mas que, de maneira nenhuma, davam a medida, exacta da imaginação do poeta, da phantasia do contista, dos prodigiosos recursos do vernaculo prosador, nem a justa visão da excellencia do amargo philosopho, que elle foi em toda a vida.

•••

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, em 21 de Junho de 1839, de paes muito humildes. Era filho do operário Francisco José de Assis e de sua esposa D. Maria Leopoldina Machado de Assis..

Não teve, portanto, na sua infância, o grande escriptor, os amornantes carinhos da sorte. A sua primeira licção foi a do trabalho quotidiano e porfiado; aprendeu, desde o berço humilimo, a aspereza da vida, o desprezo da vaidade, a submissa resignação, que tão sympathica e sinceramente lhe ensinaram essa retrahida e convicta .modestia, que foi um dos seus distinctivos, e quem sabe se esse travo amargo e quasi doloroso que vinca toda a sua obra, ainda nas paginas mais graciosamente despreoccupadas.

Os seus estudos foram muito irregulares, como póde prever-se. Quando abandonou a escola de primeiras letras, sabendo apenas ler e escrever, renegou dos mestres e sentindo-se forte, senhor do preciosissimo instrumento da leitura, começa, com uma inquebrantavel vontade e uma colossal sede de saber, essa que não foi das suas menos bellas obras: a sua auto educação. Aproveitando avaramente o seu tempo, sacrificando todos os prazeres da sua idade, devorando toda a letra redonda que se podia procurar, Machado de Assis, guiado por si só, mantido pelo ideal que começava a seduzi-lo, aprende, estuda, instrue-se, assimilando uma cultura que sempre enriqueceu pela vida fóra, e cada vez usais

solida e ampla se mostrava na ultima pagina que fazia. Essa poderosissima força de vontade, que foi um dos seus excepcionaes segredos, e o fez acompanhar sem atrazo as modernas correntes da sua epocha, refundir inteiramente o seu processo, e até a sua inspiração, tão disciplinada lhe obedecia, que, perto dos cincoenta annos, lhe permittia aprender correntemente o allemão.

Em 1858, Machado de Assis resolveu-se a seguir um officio e dedicou-se a typographo: era, afinal, a sua entrada nas letras – e o seu caso, ainda que assignalavel, não é unico. No anno seguinte, deixava o encetado mister, e fazia-se revisor do Correio Mercantil e da casa Paula Brito.

Pouco tempo depois, em 25 de Março de 1860, entrava de escrever no Diário do Rio de Janeiro, ao lado de Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva e Cesar Muzio. Ahi esteve até aos principios de 1867, e em Março d'esse anno, era nomeado ajudante do director do Diario official, cargo que desempenhou até 1878. Como se vê, elle começou muito novo a sua carreira jornalística, pois apenas contava vinte e um annos.

Em 31 de Dezembro de 1873, era nomeado primeiro official da Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, sendo promovido a chefe de secção em 7 de Dezembro do 1876, e a director em 1 de Abril de 1889, cargo que até á sua morte occupou na Secretaria da Industria, Viação e Obras Publicas, em que aquella se transformou.

É de notar que Machado de Assis, apesar do seu scintillante espirito e do seu poderoso temperamento artistico, foi um burocrata exemplar, um funcionario modelo, e que nos cargos que exerceu prestou excellentes e louvados serviços á administração publica do seu paiz.

Machado de Assis foi membro do Conservatorio Dramatico Brasileiro; fez parte das conferencias de historia e geographia como membro da secção de historia litteraria e das artes; serviu, em 1872, na commissão do Diccionario tecnologico da marinha, e em 1878, na commissão incumbida de organizar um projecto de reforma da legislação de terras; foi official de gabinete dos ministros Buarque de Macedo e Pedro Luiz, e secretario dos ministros Severino Vieira, Alfredo Maia e António Augusto da Silva.

Em 1867, agraciou-o o governo imperial com o grao de cavalleiro da Ordem da Rosa, por serviços prestados ás letras brasileiras. A Princesa Izabel elevou-o a official da mesma ordem. A honra maior que elle recebeu em vida, e a que decerto melhor serviu as suas aspirações, foi, porém, a presidencia da Academia Brasileira de Letras, cargo que elle foi o primeiro a occupar, competentissimamente, e no qual o investiu a mais unanime aclamação, não só dos seus confrades como de toda a opinião.

Em 1869, casou Machado de Assis com D. Carolina Augusta Xavier de Novaes, irmã do afamado poeta Faustino Xavier de Novaes. A virtuosa e dedicada

senhora, por quem o glorioso escriptor nutriu toda a vida uma carinhosa adoração, falleceu em 1905. Foi para o bondoso mestre, que tanto a estremecia, um golpe tremendo, esse da falta da companheira querida. Machado de Assis sentiu um tremendo abalo, nunca mais voltou a ser o mesmo e as crises da sua doença amiudaram-se cada vez mais alarmantes, até que a arterio-sclerose o prostrou para sempre, ás 3 horas e 20 minutos da madrugada de 29 de Setembro de 1908, na sua residencia da rua do Cosme Velho, onde com a viuvez, póde affirmar-se entrara a morte.

Todo o Brasil se enluctou com o tristissimo acontecimento, chorou tão dolorosa perda, e prestou ao venerado cadaver as maiores honras funebres, os mais altos tributos de gloria.

No cemiterio de S. João Baptista, onde ficou enterrado o morto illustre, prestou-lhe Ruy Barbosa, em nome da Academia Brasileira de Letras, a commovida homenagem da sua arrebatadora eloquência. D'esse discurso do eminente orador, gloria da sua raça exalçando um seu igual, destacaremos alguns periodos, que venham valorisar estas paginas modestissimas com que pretendemos unicamente emmoldurar o retrato do notavel estylista:

“Designou-me a Academia Brasileira de Letras para vir trazer ao amigo que de nós aqui se despede, para lhe vir trazer, nas suas proprias palavras, n'um gemido da sua lyra, para lhe vir trazer o nosso ‘coração de companheiros’.”

“Eu quasi não sei dizer mais, nem sei que mais se possa dizer, quando as mãos que se apertavam no derradeiro encontro, se separam d'esta para a outra parte da eternidade.

“Nunca ergui a voz sobre um tumulo, parecendo-me sempre que o silencio era a linguagem de nos entendermos com o mysterio dos mortos. Só o irresistível de uma vocação como a dos que me chamaram para. orgão d'estes adeuses me abria a bocca ao pé d'este jazigo, em torno do qual, ao movimento das emoções reprimidas, se sobrepõe o murmurio do indizível, a sensação de uma existência cuja corrente se ouvisse cahir de uma em outra bacia no insondavel do tempo, onde se formam do veio das aguas sem mancha as rochas de crystal exploradas pela posteridade.

“Do que a ella se reserva em surpresas, em maravilhas de transparencia e sonoridade e belleza na obra de Machado de Assis, dil-o-hão outros, hão-de o dizer os seus confrades, já o está dizendo a imprensa, e de esperar é que o diga dias sem conta, derredor do seu nome, na lapide que vae tombar sobre o seu corpo, mas abrir a porta ao ingresso da sua imagem na sagração dos incontestados, a admiração, a reminiscencia, a magua sem cura dos que lhe sobrevivem. Eu, de mim, porém, não quizera fallar senão do seu coração e de sua alma.

“D’aqui, d’este abysmar-se de illusões e esperanças que sossobram ao cerrar de cada sepulchro, deixemos passar a gloria na sua resplandecencia, na sua fascinação, na impetuosidade do seu vôo. Muito resumbra sempre da nossa debilidade na altivez do seu surto e na confiança das suas azas. As arrancadas mais altas do genio mal se libram nos longes da nossa atmospherá, de todas as partes envolvida e distanciada pelo infinito. Para se não perder no incommensuravel d’este, para avisinhar a terra do firmamento, para desassombrar a impenetrabilidade da morte, não ha nada como a bondade. Quando ella, como aqui, se debruça fóra de uma campá ainda aberta, já se não cuida que lhe esteja á beira, de guarda, o mais malquisto dos nomes, no sentimento grego, e os braços de si mesmos se levantam, se estendem, se abrem, para tomar entre si a visão querida, que se aparta.

“Não é o classico da língua; não é o mestre da phrase; não é o arbitro das letras; não é o philosopho do romance; não é o magico do conto; não é o joalheiro do verso, o exemplar, sem rival entre os contemporaneos, da elegancia e da graça, do atticismo e da singeleza no conceber e no dizer: é o que soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser bom. Nascido com uma d’essas predestinações sem remedio ao soffrimento, a amargura do seu quinhão nas expiações da nossa herança não o mergulhou no pessimismo dos sombrios, dos mordazes, dos invejosos, dos revoltados. A dôr afluava-lhe ligeiramente aos labios, roçava-lhe ao de leve a penna, reçumava-lhe sem azedume das obras, n’um scepticismo entremeio de timidez e desconfiança, de indulgencia e receio, com os seus toques de malícia a sorrirem de quando em quando, sem maldade, por entre as duvidas e as tristezas do artista. A ironia mesma se desponha, embebe se de suavidade no intimo d’esse temperamento, cuja compleição, sem desigualdades, sem espinhos, sem asperezas, refractaria aos antagonismos e aos conflictos, dir se hia emersa das mãos da própria Harmonia, tal qual essas creações da Hellade, que se lavraram para a immortalidade n’um marmore cujas linhas parecem relevos do ambiente e projecções do céu no meio do scenario que as circumda.”

E assim, na sua academica e arrastadora linguagem, continuou Ruy Barbosa – que substituiu Machado de Assis na presidencia da Academia Brasileira de Letras – o rasgado panegyrico do grande escriptor, em que elle salientou com brilho especial a pureza, a bondade, a ternura da sua alma.

•••

Biographado d’esse modo, a traço rapido e humilde, o auctor de tantas obras primorosas, vamos, ainda em despretençioso e fugidio traço, summariar a sua vida litteraria e inscrever aqui alguns dos seus titulos insummiveis.

Machado de Assis, dominado pelas tendencias em voga na sua epocha, foi nas suas primeiras obras, em que

a poesia predomina, um romantico. Pertencem a essa phase os seus livros de versos *Crysalidas* e *Phalenas*, e as suas novellas e romances: *Ressurreição*, *Helena*, *Yáyá Garcia*, *A mão e a luva*, *Historias da meia noite*, *Contos fluminenses*, etc.

Em todos esses volumes, ainda que desigualmente, ha recommendaveis paginas de descriptivo, de evocação e de pittoresco, e já, aqui e acolá, aponta, seduz, clareja, essa ironia fina, generosa, mixta do humour inglez e do picaresco hespanhol, que mais tarde havia de ser o metal purissimo e raro que de preferencia o artista celebrenmente burilava.

N’essa ancía que o dominava de continuo aperfeiçoamento, a que já alludimos, encontrou, no emtanto, o summo auctor, a meio da carreira, novos estímulos de modernidade, e renegando do seu primitivo, romantico, processo, decide-se a crear uma serie nova e notabilissima de livros modernos, reaes, extraordinários, que são: *Papeis avulsos*, *Historias sem data*, *Quincas Borba*, *Essaú e Jacob*, *Dom Casmurro*, *Memorias posthumas de Braz Cubas*, que é a mais bella pedra do seu monumento, e o *Memorial d’Ayres*, a sua ultima producção, eivada do desgosto que o pungia e talvez da visionação do fim.

As *Memorias posthumas de Braz Cubas*, livro admiravel e perfeito, que é, com qualquer confronto, uma legitima obra-prima, marca o apogeu das suas portentosas facultades e abre na litteratura brasileira uma das suas datas rmais fulgentes. Machado de Assis ahí nos apparece hombraendo familiarmente com os maiores mestres da novella humoristica, desde Sterne a Swift, de Lesage a Eça de Queiroz, egualando com facilidade a laconica mestria de Anatole France, e sobrepujando um escriptor italiano com quem muitas afinidades tem, Salvatore Farina.

Da obra de Machado Assis escreveu, n’um primoroso escorço, pouquissimo divulgado, o fallecido escriptor brasileiro Arthur Barreiros, em 1885:

“A sua vida litteraria, que se estende, como um golpho grego e azulado, de aguas travessas e riso-nhas, das *Crysalidas* aos *Papeis avulsos* e fóрма um opulento fio de perolas, raro será o homem de gosto que a não conheça no todo ou em parte.

“Relêde-me as *Crysalidas*, que consorciam ás rosas os raios do sol, preparam as suas rimas com o mel das abelhas e á luz das estrellas, cantam, emfim, os deslumbramentos da Mater uberrima e as explosões ruidosas do genio, todo esse mundo irradiante e impalpavel de sentimentos e idéas que rebentam prodigiosamente na imaginação dos poetas e nos quadros divinos da natureza, e que se póde conter no espaço abrangido por uma janella que deita para o campo, ou no espaço – muito maior e muito mais pequeno! – do adorado olhar feminino; relêde-me esses versos, e dizei-me se não descobris em germen e embryão – como se distingue no botão toda a flôr e nas graças da menina toda a seducção da mulher – a

nota poderosa, a nota pessoal moderna e sincera que domina este singular, este grande, este admirável livro das Memórias posthumas de Braz Cubas,

“É a sua obra prima, a mais trabalhada e a mais saborosa, a que o definiu inteiro e vivo, philosopho adorável, de um scepticismo, nem brutal, nem deshumano – gotta a gotta adquirido como um veneno irresistível – indocil, religioso à sua maneira; e o vinco pessimista que d’esse volume para cá marca todas as suas paginas, poderia ser tomado como um arrebique mais, se elle não fosse um convencido.

“Estylista impeccavel, estylista desde que pela primeira vez se viu armado de uma penna e com algum papel branco deante de si (porque ha escriptores de nascença), Machado de Assis burilou no mais bello marmore, com um sagrado respeito à fôrma, com uma noção nítida e poderosa do bello, essa longa e original serie de contos, de romances, de folhetins, de phantasias delicadas, imprevistas, deliciosamente ironicas, scintillantes de graça, que se chamam – citando ao acaso – Miss Dollar; A mão e a luva, Cão de lata ao rabo, Chinella Turca, Serenissima Republica, Academias de Sião, Um capitulo inedito de Fernão Mendes Pinto...

Se, na prosa, Machado de Assis passou do romantismo ao ironismo, na poesia, tornou-se, na sua nova phase, um parnasiano, como o attestam muitas das composições publicadas sob o titulo Americanas. Entre ellas, andam decoradas de bocca em bocca o Circulo vicioso e A mosca azul. Querendo archivar n’estas paginas algumas valiosas linhas do mestre, melhor não podemos fazer que transcrever aqui essas poesias:

CIRCULO VICIOSO

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:
– “Quem me dera que fosse aquella loura esllrela,
Que arde no eterno azul como uma eterna vela!”
Mas a estrella, fitando a lua, com ciúme:

– “Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que da grega columna, ó gothica janella,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella!”
Mas a lua, fitando o sol com azedume:

– “Misero! tivesse eu aquella enorme, aquella
Claridade immortal, que toda a luz resume!”
Mas o sol, inclinando a rútila capella:

– “Pesa-me esta brilhante aureola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbella...
Porque não nasci eu um simples vagalume !...”

A MOSCA AZUL

Era uma mosca azul, azas de ouro e granada,
Filha da China ou do Indostão,
Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada,
Em certa noite de verão.

E zumbia, e voava, e voava, e zumbia
Refulgindo ao clarão do sol
E da lua, melhor do que refulgiria
Um brilhante do Gão-Mogol.

Um poleá que a viu, espantado e tristonho,
Um poleá lhe perguntou:
“Mosca, esse refulgir que mais parece um sonho,
“Dize, quem foi que t’o ensinou?”

Então ella, voando e revoando, disse:

“Eu sou a vida, eu sou a flor
“Das graças, o padrão da eterna meninice,
E mais a gloria, e mais o amor.”

E elle deixou-se estar a contemplal-a, mudo
E tranquillo, como um fakir,
Como alguém que ficou deslumbrado de tudo,
Sem comparar, nem reflectir.

Entre as azas do insecto, a voltear no espaço,
Uma cousa lhe pareceu
Que surdia com todo o resplendor de um paço
E viu um rosto, que era o seu.

Era elle, era um rei, o rei de Cachemira,
Que tinha sobre o collo nú
Um immenso collar de opala, e uma saphyra
Tirada ao corpo de Vischnu.

Cem mulheres em flor, cem nayras superfinas,
Aos pés d’elle, no liso chão,
Espreguiçam sorrindo as suas graças finas,
E todo o amor que tem lhe dão.

Mudos, graves, de pé, cem ethiopes feios,
Com grandes leques de avestruz,
Refrescam-lhes de manso os aromados seios,
Voluptuosamente nús.

Vinha a gloria depois: — quatorze reis vencidos,
E emfim as páreas triumphaes
De trezentas nações, e os parabens unidos
Das coróas occidentaes.

Mas o melhor de tudo é que no rosto aberto
Das mulheres e dos varões,
Como em agua que deixa o fundo descoberto,
Via limpos os corações.

Então elle, estendendo a mão callosa e tosca,
Afeita só a carpintejar,
Com um gesto pegou na fulgurante mosca,
Curioso de a examinar.

Quiz vél-a, quiz saber a causa do mysterio,
E, fechando-a na mão, sorriu
De contente, ao pensar que alli tinha um imperio,
E para casa se partiu.

Alvorçado chega, examina, e parece
Que se houve n’essa occupação
Miudamente, como um homem que quizesse
Dissecar a sua illusão.

Dissecou-a, a tal ponto, e de tal geito, que ella
Rota, baça, nojenta, vil,
Succumbiu, e com isto esvaiu-se-lhe aquella
Visão phantastica e subtil.

Hoje, quando elle ahi vae, de álveo e cardamomo
Na cabeça, com ar taful,
Dizem que ensandeceu, e não sabe como
Perdeu a sua mosca azul.

Além da poesia e do romance – d’esse seu ameno e especial romance, a que melhor cabe a classificação de novella humorística – expandiu Machado de Assis o seu solido e poderoso talento n’outros multiplos ramos da actividade litteraria.

Como a tantos, a muitos, fascinou-o o teatro, e para elle escreveu bastante, contando se entre as suas produções: *Desencantos, phantasia dramatica, Quasi ministro, Os Deuses de casaca, O caminho da porta, O Protocollo, Tu, só tu, puro amor... Uma lição de Botanica e Não consultes o medico, comedia com que foram inaugurados os espectaculos brasileiros da grande Exposição Nacional de 1908.*

Ao jornal consagrou tambem muitas paginas valiosas, reunidas já algumas em volume: *Papeis avulsos. Paginas recolhidas, Relíquias da casa velha* – merecida sorte que espera a colleção dos seus artigos da *Marmota fluminense sobre teatro, da Semana Illustrada, do Futuro, do Archivo Popular, do Novo Mundo, do Jornal das Familias, da Estação, da Illustração Brasileira, onde assignava “Manassés”, do Cruzeiro, com o pseudonymo de “Eleasar”, da Gaveta de Noticias, em que fez notavelmente a Semana, da Revista Brasileira, a que deixou trechos d’um poema medito A Devassa, etc,*

Devem-se-lhe ainda algumas traducções, como *Demandistas de Racine, O Barbeiro de Sevilha de Beaumarchais, o Supplicio de uma mulher de Dumas e Girardin, e outros.*

•••

Citadas assim, quasi á flôr da lembrança, as suas obras de tão diversa índole e diferente brilho, que-remos recordar uma homenagem significativa e delicadíssima que a Machado de Assis foi prestada em 1905.

De passagem em Roma, Joaquim Nabuco, o prestigioso diplomata e litterato brasileiro, conseguiu haver um ramo do glorioso e celebre carvalho de Tasso. Expediu-o logo para o Rio de Janeiro, ao secretario da Academia de Letras, para que tão illustre corporação, em solemnissima festa, depuzesse nas mãos do mestre adorado a veneranda reliquia da arvore que deu sombra aos últimos sonhos do poeta desditoso. Machado de Assis, com toda a sua modestia, pretendeu esquivar-se, mas alfim consentiu em receber a honrosissima reliquia veneranda, que lhe foi offertada eloquentemente, se em erro não laboramos, por Graça Aranha, o elegantissimo auctor do Chanaan, e por Alberto d’Oliveira, o maravilhoso poeta.

E tendo assim esboçado mal a obra e a figura do nobre e grande escriptor que foi Machado de Assis, cerraremos estas apressadas notas com algumas paginas suas, que a todo o seu merito ajuntarão o de nitidamente mostrarem aos desconhecedores leitores de Portugal toda a sabia mestria e toda a alta phantasia do seu valoroso talento.

Escolheremos o setimo capitulo das *Memorias posthumas de Braz Cubas, a mais notável das suas obras, e que é talvez, dentro de toda a obra, a sua mais bella pagina, A seu propósito, Sylvio Romero n’um livro d’acerba crítica ao auctor, publicado em 1897, não deixou de confessar: “Bello, realmente muito*

bello, como linguagem e como estylo. É sem duvida uma das paginas mais intensas da lingua portugueza. Nem Vieira, nem Herculano, nem Camillo, nem Eça, possuem muitas que a possam ultrapassar.”

Eis o admirável trecho:

O DELIRIO

“Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delirio; faço-o eu, e a sciencia rn’o agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação d’estes phenomenos mentaes, pôde saltar o capitulo; vá direito à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos.

Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinez, bojudo, destro, escanhoando um mandarin, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos: caprichos de mandarin.

Logo depois, senti me transformado na *Summa Theologica* de S. Thomaz, impressa n’um volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; idéa esta que me deu ao corpo a mais completa immobildade; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as eu sobre o ventre, alguém as descruzava (*Virgilia* de certo), porque a attitude lhe dava a imagem de um defunto.

Ultimamente, restituído á fôrma humana, vi chegar um hippopotamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogar-o, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino.

– Engana-se, replicou o animal, nós vamos á origem dos seculos.

Insinuei que deveria ser muitíssimo longe; mas o hippopotamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que não fingiu uma d’essas cousas; e, perguntando-lhe, visto que elle falava, se era dependente do cavallo de Achilles ou da asna de Balaão, retorquiu-me com um gesto peculiar a estes dois quadrupes: abanou as orelhas. Pela minha parte fechei os olhos e deixei-me ir á ventura. Já agora não se me dá de confessar que sentia umas taes ou quaes cocegas de curiosidade, por saber onde ficava a origem dos seculos, se era tão mysteriosa como a origem do Nilo, e sobretudo se valia alguma cousa mais ou menos do que a consummação dos mesmos seculos: reflexões de cerebro enfermo. Como ia de olhos fechados, não via o caminho; lembra-me só que a sensação de frio augmentava com a jornada, e que chegou uma occasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. Com effeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava n’uma planície branca de neve, com uma ou outra montanha de neve, vegetação de neve, e varios animaes grandes e de neve. Tudo neve; chegava a gelar-nos um sol de neve. Tentei falar, mas apenas pôde grunhir esta pergunta ansiosa:

– Onde estamos ?

– Já passámos o Eden.

– Bem; paremos na tenda de Abrahão.

– Mas se nós caminhamos para traz! redarguiui motejando a minha cavalgadura.

Fiquei vexado e aturdido. A jornada entrou a parecer-me enfadonha e extravagante, o frio incommodo, a conducção violenta, e o resultado impalpavel. E depois – cogitações de enfermo – dado

que chegassemos ao fim indicado, não era impossível que os seculos, irritados com lhes devassarem a origem, me esmagassem entre as unhas, que deviam ser tão seculares como elles. Em quanto assim pensava, iam devorando caminho, e a planície voava debaixo de nossos pés, até que o animal estacou e, pude olhar mais tranquillamente em torno de mim. Olhar sómente; nada vi, além da immensa brancura da neve, que d'esta vez invadira o proprio céu, até alli azul. Talvez, a espaços, me apparecia uma ou outra planta, enorme, brutescas, meneando ao vento as suas largas folhas. O silencio d'aquella região era igual ao do sepulchro: dissera se que a vida das cousas ficara estúpida deante do homem

Cahiu do ar? destacou-se da terra? não sei; sei que um vulto immenso, uma figura de mulher me appareceu então, fitando-me uns olhos rutilantes como o sol, Tudo n'essa figura tinha a vastidão das fôrmas selvaticas, e tudo escapava á comprehensão do olhar humano, porque os contornos perdiam-se no ambiente, e o que parecia espesso era muita vez diaphano. Estupefacto, não disse nada, não cheguei sequer a soltar um grito; mas, ao cabo de algum tempo, que foi breve, perguntei quem era e como se chamava: curiosidade de delirio.

– Chama me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga.

Ao ouvir esta ultima palavra, recuei um pouco, tomado de susto. A figura soltou uma gargalhada, que produziu em torno de nós o effeito de um tufão; as plantas torceram se e um longo gemido quebrou a mudez das cousas externas.

– Não te assustes, disse ella, minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se affirma. Vives: não quero outro flagello.

– Vivo? perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar-me da existencia.

– Sim, verme, tu vives. Não receies perder esse andrajo que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dôr e o vinho da miseria. Vives: agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a tua consciencia rehouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.

Dizendo isto, a visão estendeu o braço, segurou-me pelos cabellos e levantou-me ao ar, como se fôra uma pluma. Só então pude ver-lhe de perto o rosto, que era enorme. Nada mais quieto; nenhuma contorsão violenta, nenhuma expressão de ódio ou ferocidade; a feição unica, geral, completa, era a da impassibilidade egoista, a da eterna surdez, a da vontade immovel. Raivas, se as tinha, ficavam encerradas no coração. Ao mesmo tempo, n'esse rosto de expressão glacial, havia um ar de juventude, mescla de força e viço, deante do qual me sentia eu o mais debil e decrepito dos seres.

– Entendeste-me? disse ella, no fim de algum tempo de mutua contemplação.

– Não, respondi; nem quero entender-te; tu és absurda, tu és uma fabula. Estou sonhando, de certo, ou, se é verdade que enlouqueci, tu não passas de uma concepção de alienado, isto é, uma cousa vã, que a razão ausente não póde reger nem palpar. Natureza, tu? a Natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida um flagello, nem, como tu, traz esse rosto indifferente, como o sepulchro. E porque Pandora?

– Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperanza, consolação dos homens. Tremes?

– Sim; o teu olhar fascina-me.

– Creio; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te

emprestei: Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada.

Quando esta palavra echoou, como um trovão, n'aquelle immenso valle, afigurou-se-me que era o ultimo som que chegava a meus ouvidos; pareceu-me sentir a decomposição subita de mim mesmo. Então, encarei-a com olhos supplices, e pedi mais alguns annos.

– Pobre minuto! exclamou. Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do spectaculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos afflictivo: o alvor do dia, a melancholia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o somno, enfim, o maior beneficio das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota?

– Viver sómente, não te peço mais nada. Quem me pôz no coração este amor da vida, se não tu? e se eu amo a vida, porque te has-de golpear a tí mesma, matando-me?

– Porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jocundo, suppõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tempo subsiste. Egoismo, dizes tu? Sim, egoismo, não tenho outra lei. Egoismo, conservação. A onça mata o novillo porque o raciocinio da onça é que ella deve viver; e se o novillo é tenro tanto melhor: eis o estatuto universal. Sobe e olha. Isto dizendo, arreatou-me ao alto de uma montanha. Inclinei os olhos a uma das vertentes, e contemplei, durante um tempo largo, ao longe, atravez de um nevoeiro, uma cousa unica. Imagina tu, leitor, uma redução dos seculos, e um desfilar de todos elles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos imperios, a guerra dos appetites e dos odios, a destruição reciproca dos seres e das cousas. Tal era o spectaculo, acerbo e curioso spectaculo. A historia do homem e da terra tinha assim uma intensidade que lhe não podiam dar nem a imaginação nem a sciencia, porque a sciencia é mais lenta e a imaginação mais vaga, emquanto que o que eu alli via era a condensação viva de todos os tempos. Para dôscreevel-a seria preciso fixar o relampago. Os seculos desfilavam n'um turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delirio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim, – flagellos e delicias, – desde essa cousa que se chama gloria até essa outra que se chama miseria, e via o amor multiplicando a miseria, e via a miseria aggravando a debilidade. Ahi vinham a cobiça que devora, a colera que inflamma, a inveja que baba, e a enxada e a penna, humidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancholia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruil-o, como um farrapo. Eram as fôrmas varias de um mal, que ora mordida a viscera, ora mordida o pensamento, e passeiava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da especie humana. A dôr cedia algumas vezes, mas cedia á indifferença, que era um somno sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dôr bastarda. Então o homem, flagellado e rebelde, corria deante da fatalidade das cousas, atraz de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpavel, outro de improvavel, outro de invisivel, cosidos todos a ponto precario, com a agulha da imaginação; e essa figura, – nada menos que a chimera da felicidade, – ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ella ria, como um escarneo, e sumia-se, como uma illusão.

Ao contemplar tanta calamidade, não pude reter um grito de angustia, que Natureza ou Pandora escutou sem protestar nem rir; e não sei por que lei de transtorno cerebral, fui eu que me puz a rir; – de um riso descompassado e idiota.

– Tens razão, disse eu, a cousa é divertida e vale a pena, – talvez monotona – mas vale a pena. Quando Job amaldiçoava o dia em que fôra concebido, é porque lhe davam ganas de ver cá de cima o espectáculo. Vamos lá, Pandora, abre o ventre, e digere-me; a cousa é divertida, mas digere-me.

A resposta foi compellir-me fortemente a olhar para baixo, e a ver os seculos que continuavam a passar, velozes e turbulentos, as gerações que se superpunham ás gerações, umas tristes, como os Hebreus do captiveiro, outras alegres, como os devassos de Commodo, e todas ellas pontuaes na sepultura. Quiz fugir, mas uma força mysteriosa me retinha os pés; então disse commigo: – “Bem, os seculos vão passando, chegará o meu, e passará também, até o ultimo, que me dará a decifração da eternidade.” E fixei os olhos, e continuei a ver as edades, que vinham chegando e passando, já então tranquillo e resolutu, não sei até se alegre. Talvez alegre. Cada seculo trazia a sua porção de sombra e de luz, de apathia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de systemas, de idéas novas, de novas illusões; em cada um d’elles rebentavam as verduras de uma primavera, e amarelleciam depois, para remoçar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendario, fazia-se a historia e a civilização, e o homem, nú e desarmado, armava-se e vestia-se,

construía o tugurio e o palacio, a rude aldea e Thebas de cem portas, creava a sciencia, que perscruta, e a arte que enleva, fazia-se orador, mecanico, philosopho, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia á esphera das nuvens, collaborando assim na obra mysteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancholia do desamparo. Meu olhar, enpanado e distrahido, viu enfim chegar o seculo presente, e atraz d’elle os futuros. Aquelle vinha agil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco diffuso, audaz, sabedor; mas ao cabo tão miseravel como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e egual monotonia. Redobrei de attenção; fitei a vista; ia enfim ver o ultimo, – o ultimo!; mas então já a rapidez da marcha era tal, que escapava a toda a comprehensão; ao pé d’ella o relampago seria um seculo. Talvez por isso entravam os objectos a trocarem se; uns cresceram, outros minguavam, outros perderam-se no ambiente; um nevoeiro cobriu tudo – menos o hyppopotamo que allí me trouxera, e que aliás começou a diminuir, a diminuir, a diminuir, até ficar do tamanho de um gato. Era effectivamente um gato. Encarei-o bem; era o meu gato Sultão, que brincava á porta da alcova, com uma bola de papel...”

O esplendido retrato de Machado de Assis, com que abrimos o nosso Almanach, é obra do insigne pintor brasileiro Henrique Bernardelli, e extrahido da bella revista A Renascença, do Rio de Janeiro.